

(2005) **URBANO BETTENCOURT E SEIXAS PEIXOTO,**  
**LUGARES SOMBRAS E AFECTOS.** FIGUEIRA DA FOZ, EDIÇÃO DOS AUTORES.

Rosa Maria Goulart – Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, Universidade dos Açores, Rua da Mãe de Deus. Apartado 1422. 9501-801 Ponta Delgada Codex.

Este é um livro diferente dos publicados por Urbano Bettencourt. Ilustrado com belos desenhos de Seixas Peixoto, certamente concebidos após a leitura dos poemas, estes adquirem posteriormente uma unidade e uma relação entre escrita e imagem gráfica não previstas aquando da concepção dos mesmos poemas. Isso mesmo nos lembra António de Ávila Bettencourt, no excelente texto de apresentação, ao reconhecer que, afinal, Seixas Peixoto se constitui em primeiro leitor do livro em questão: «Agora que as suas ilhas ganham perfil e relevo na pena de Seixas Peixoto, será tempo de ele afastar-se do centro da cena para de longe observar aquela que é já uma primeira leitura dos seus textos» (p. 2).

Isto significa (embora não caiba aqui uma leitura nesse sentido) que o aspecto final modifica, complementando-o, o projecto inicial constituído por um somatório de poemas desligados entre si e produzidos em tempos diferentes. A unidade que *a posteriori* o livro conseguiu parece ter encontrado a sua motivação mais profunda em experiências de vida que passam

pelos lugares percorridos pelo poeta, feitos sombras na memória, mas sempre vivos nos afectos que os sustentam – afectos pelos lugares, pelas pessoas, às vezes segundo uma linha de orientação que pode exercer-se nos dois sentidos: dos primeiros para as segundas e vice-versa.

Fragmentos de si, dir-se-ia, ao sabor do acaso, embora não acreditemos que o seja na ordenação que em forma de livro lhe é dada. E o acaso, neste contexto, quer tão-só dizer recolha de pedaços de vida que vem ter com o autor e que ele, aproveitando a oportunidade, agarra para com eles fazer poesia. Como nos sugere o



poema de abertura, «Fragmentos encontrados numa garrafa dada à costa» (p. 7), que, na sua gestação «casual», vem como que legitimar esta interpretação.

Trata-se de uma poesia que não é propriamente do quotidiano, mas de franjas do quotidiano pensadas, cultural e textualmente trabalhadas. Dividido em quatro secções («Andamentos», «Cabo Verde uma (con)sequência», «Alguns Poemas de Wang Yong», «Os Paraísos Superficiais»), elas indicam uma divisão temática motivada por uma dinâmica interna possivelmente ainda ao sabor das emoções (Urbano faz questão em anotar, logo no início, que a ordenação dos textos é da sua responsabilidade). «Andamentos» oferece-se logo, na diversidade de lugares e pessoas, a uma ambiguidade de leitura que lhes multiplica os sentidos: andamentos, em sentido musical? Memória da música e da lira, trazida na ancestralidade da poesia lírica? Andamentos pelos Açores, por Cabo Verde, por Tenerife, como quem lentamente soletra a terra pisada?

De lugares e pessoas se fala, porque se estabelecem naturais relações, essencialmente de cariz metonímico, entre uns e outras. Como em «La Gomerá» (e este é, de facto, um belo e denso poema), associada ao nome de Pedro García Cabrera; em «Djutta Ben-David: Voz & Alma», título bus-

cado ao nome da cabo-verdiana que fez dos Açores a sua morada e que aí é poeticamente evocada, num texto de onde ressuma admiração e ternura. Nele Urbano Bettencourt lança, de forma tão bela e tão sugestiva, a ponte entre estes dois arquipélagos distantes («Deste outro lado onde agora a ouvimos / é um som de água / rente ao chão ardido no vento leste, / uma breve brisa ondulando / a superfície do canto. E no seu lume / sereno arde o choro / de um violão partindo-se / com suas gentes sobre o mar. / Sodade de Cabo Verde – p. 28). Em «Um fio de água ou de música», poema narrativo em prosa, o escritor evoca o Mindelo, a última noite aí passada, a chuva e a música, irmanadas numa mesma melodia.

Merece referência, ainda nessa amistosa relação entre Açores e Cabo Verde (uma presença sempre grata e carinhosa em Urbano Bettencourt), até pela terna homenagem a Vitorino Nemésio e aos seus «Versos a uma cabrinha que eu tive», o poema «Ei-las de perfil», o qual, despertando, desde o título, a curiosidade relativamente ao seu referente, no-lo revela finalmente: «Olho-as de relance: / envelhecera demasiado cedo / a interrogar o mistério do sal / e do vento. / São as cabras de Cabo Verde.» (p. 33).

Os lugares chamam igualmente a memória histórica e a memória da cultura, trazendo factos que o autor evoca

e presentifica, mitos que reemprega, artistas, dos Açores e de fora (Vitorino Nemésio, Emanuel Félix, Camões, Raul Brandão, David Mourão-Ferreira, Baudelaire), com quem estabelece um diálogo intertextual, umas vezes de forma mais séria, outras em tom humorístico. Os dois poemas finais, deixando uma nota de fino humor, constituem uma derrogação da nostalgia que o autor discretamente foi disseminando pelos anteriores, primeiro com o «Poema panfletário para um natal à la page», pastiche de um poema de Mourão-Ferreira (de *Cancioneiro de Natal*) e depois com «Exercício de socorro a naufragos (tranquilos ou não) depois de falhar a respiração boca a boca». Nunca se trata, porém, de mera brincadeira, porquanto, ao chamar à colação nomes (re)conhecidos, torna-se intérprete das respectivas posições e reclama, tacitamente, um leitor cúmplice, capaz de descodificar as muitas referências culturais que aí figuram em alegre convívio parodístico (ex.: «Creio / que a ilha em frente há-de passar para trás / sem marear os verdes da paisagem / E creio que isso não chateará Raul Brandão nem afectará as receitas / do turismo, / [...] E espero / que a porca do Bordalo não resista à tentação / do planeamento familiar, / [...] E espero / finalmente / que o corvo e a pomba venham anunciar / a primeira folha de figueira e o fim / da

Grande Seca Universal.» – pp. 57-58). De «luz e sombras» (não será por acaso que um dos poemas tem este título) é feita a vida; também de «regressos, reencontros» (outro título), que trazem, afinal, aquilo que sustenta o ser do presente: a memória gratificante de pequenas recordações do passado. Não têm de ser grandes feitos; servem as pequenas coisas, «os arcaças da infância, os figos, / as sementes onde a vida espera a Primavera, / uma mulher cantando no balcão sobre o mar, / uma ilha defronte.» (p. 22).

As gratas recordações não obliteram, porém, totalmente a presença traumatizada do passado, onde sobressai a ferida sempre latente da guerra colonial. Quanto de aflição guardada a espreitar em «“A persistência da memória”»?». O autor faz, porém, ao longo de todo o livro, uma gestão muito contida do que é memória «ressentida», do que é apenas nostalgia ou daquilo que, em fina ironia crítica, pode servir para alegremente nos fazer reflectir com seriedade sem perdermos a boa disposição que a leitura dita séria também nos pode trazer. Resta notar (entre o muito que fica por dizer) que a contenção se estende às opções enunciativas destes textos líricos. Tratando-se daquele modo literário que mais largas dá à expressão da emotividade, o poeta não se serve, como poderia ter feito, dessa possibi-

lidade para se mostrar; constrói, antes, por entre a rede de referentes exteriores ao «eu poético», uma teia onde este fica preso, mas para apontar na direcção dos outros seres e das coisas que lhe dão sentido à vida. E dá gosto

ler esta poesia tão recheada de recordações, de sombras e de afectos, mas tão racionalmente controlada na sua elaboração formal e, por extensão, nas próprias emoções do seu autor.

ROSA MARIA GOULART